



<https://doi.org/10.51880/ho.v29i1.1633>



# Uma vida em movimento: Toni Reis e a formação do Grupo Dignidade

Izabela de Paula Gomes\*

ORCID iD 0009-0008-9726-1579

Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, Brasil

Frank Antonio Mezzomo\*

ORCID iD 0000-0003-0968-6777

Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, Brasil

**Resumo:** Neste artigo, exploramos aspectos das múltiplas dimensões de Antônio Luiz Harrad Reis, conhecido como Toni Reis, com foco em sua formação identitária, diálogos com a religião e atuação pública. Organizamos a análise em dois eixos: (I) sua infância e adolescência, marcadas pela “descoberta” da homossexualidade e as incursões na Igreja Católica; e (II) sua atuação como ativista, especialmente na fundação do Grupo Dignidade e no enfrentamento da epidemia de AIDS nos anos 1990. Compõe o corpus empírico da pesquisa uma entrevista com Toni Reis, documentos e livros autobiográficos localizados no Grupo Dignidade. A partir da abordagem biográfica, problematizamos o movimento, as mudanças e os caminhos traçados pelo personagem, entendendo que a vida é uma viagem com diferentes vias, ramais e bifurcações presentes na constituição dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Toni Reis; trajetória; biografia; Grupo Dignidade; História Oral..

## A life in motion: Toni Reis and the formation of the Dignity Group

**Abstract:** In this article, we explore aspects of the multiple dimensions of Antônio Luiz Harrad Reis, known as Toni Reis, focusing on his identity formation, dialogues with religion, and public activism.

\* Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Pública (PPGHP), Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão e graduada em História pela mesma instituição. Pesquisadora no Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott – CEDOC LGBTI+ do Grupo Dignidade. E-mail: izagomes2704@gmail.com.

\* Doutor em História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Pós-Doutor em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Complutense/Madri. Professor do Programa de Pós-Graduação em História Pública na Universidade Estadual do Paraná. Editor da Revista NUPEM. E-mail: frankmezzomo@gmail.com.

We organize the analysis into two axes: (I) his childhood and adolescence, marked by the “discovery” of his homosexuality and his involvement in the Catholic Church; and (II) his activism, especially in the founding of the Dignity Group and in confronting the AIDS epidemic in the 1990s. The empirical corpus of the research comprises an interview with Toni Reis, documents, and autobiographical books located at the Dignity Group. From a biographical perspective, we problematize the movement, changes, and paths traced by the character, understanding that life is a journey with different alleys, branches, and bifurcations present in the constitution of subjects.

**Keywords:** Toni Reis; trajectory; biography; Dignidade Group; Oral History.

## A viagem se inicia...

Naquilo que podemos caracterizar como pós-modernidade, o sujeito constitui uma identidade fragmentada, em constante transformação e cuja trajetória importa mais pelo caminho percorrido do que pelo suposto lugar de chegada. A identidade é marcada nos deslocamentos e desvios assim como em uma viagem onde cada encontro promove mudanças. Partindo desse entendimento, procuramos percorrer alguns elementos que constituem as múltiplas personas de Antônio Luiz Harrad Reis, mais conhecido como Toni Reis. Nesse caminho, buscamos sinalizar elementos de sua formação identitária, atentando-se para momentos da infância e adolescência e suas inserções públicas quando da criação do Grupo Dignidade (GD). Essa organização, tema de outras publicações de nossa autoria (Gomes; Mezzomo, 2024; Gomes, 2025), surgiu em 1992 em Curitiba, Paraná, e tem atuado na defesa pela cidadania de pessoas LGBTQIA+, em um campo de possibilidades marcado pelas eleições democráticas nacionais, as primeiras após o fim do regime militar brasileiro, e pela epidemia do HIV/AIDS na década de 1990.

Essa movimentação se insere em alguns debates e experiências realizadas a partir do movimento homossexual brasileiro<sup>1</sup> e dos rastros de uma memória dissidente em Curitiba, entre os anos de 1970 e 1990 (Green, 2018; Quinalha, 2018; Schmitz II, 2023). Entendemos que a trajetória de um personagem, neste caso Toni Reis, é possível compreender o sujeito, o cenário de uma época e, assim, contribuir para pensar a efetivação de políticas públicas voltadas para estes grupos e setores da sociedade. Com esse propósito, construímos esse texto em dois eixos de discussão: (I) a infância e adolescência de Toni Reis e a “descoberta” da homossexualidade; e (II) seu ativismo na constituição do Grupo Dignidade e a principal bandeira do período, o combate e a prevenção da AIDS na década de 1990.

---

1 Segundo Facchini (2003), o termo movimento homossexual é entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual.

O *corpus* documental é constituído por uma entrevista com Toni Reis, jornais de época, como *Estado do Paraná*, *Folha de Londrina*, *Jornal do Estado* e *Folha de São Paulo*, dois livros autobiográficos, atas e relatórios localizados no Grupo Dignidade<sup>2</sup>. A trajetória de nosso viajante, como entendemos Toni Reis, ajuda a problematizar o movimento, as mudanças e os caminhos percorridos, entendendo que a vida não se constitui em uma estrada linear, senão com ramais, vielas e bifurcações, tão constitutivas dos sujeitos.

## “Seja você, mesmo sem permissão”: nasce um sujeito de sexualidade desviante

É comum em filmes, novelas ou séries a presença de trilha sonora. O personagem principal, geralmente, conta com uma canção que expressa seu percurso, dando sentido a sua trajetória no decorrer da trama. Com Toni Reis, na vida real, e que, portanto, extrapola o universo da ficção, não é diferente. A composição *My Way*, interpretada pelo cantor norte-americano Frank Sinatra, é considerada a letra que melhor traduz sua vida. Ela foi citada quando realizamos a entrevista<sup>3</sup> na sede do Grupo Dignidade, ao relembrar momentos de sua trajetória e de seus 40 anos de ativismo.

A entrevista em história oral, abordagem utilizada na concepção deste artigo, configura-se como um campo metodológico e epistemológico marcado pela multivocalidade, acolhendo a interlocução entre as vozes do entrevistado e do pesquisador. Nesse processo, a entrevista é compreendida não apenas como uma técnica de coleta de informações, mas como um espaço relacional e dialógico, em que se produzem sentidos a partir do encontro entre memórias, expectativas e intencionalidades. O que interessa ao pesquisador nem sempre corresponde ao que o narrador deseja expressar, ocorrendo, portanto, um tensionamento entre expectativa e entrega, entre pergunta e revelação (Portelli, 2010). No diálogo com Toni Reis, essa complexidade se manifestou de maneira evidente. Sua narrativa priorizou acontecimentos que, em sua perspectiva, assumem centralidade na construção de sua trajetória subjetiva e política, especialmente aqueles marcados por experiências de superação, enfrentamento de adversidades e afirmação identitária. Havia uma intenção clara de afirmar um percurso de resistência e conquista, mais do que expor sua participação nos sindicatos e partidos políticos. Tal

2 O Grupo Dignidade é uma organização não governamental fundada em 1992, em Curitiba, por Toni Reis e seu esposo David Harrad. A entidade, cujo objetivo é a defesa dos direitos da população LGBTQIA+, atua em áreas como educação, saúde, direitos humanos e políticas públicas, promovendo ações para a inclusão e o respeito à diversidade. Para mais informações acessar: <https://www.grupodignidade.org.br>.

3 A entrevista foi realizada em 23 de julho de 2024, na sede do Grupo Dignidade, local indicado por Toni Reis. Optamos pela gravação em audiovisual e esse material ficou sob guarda do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott, CEDOC LGBTI+, onde também localizamos outras fontes para esta pesquisa.

escolha revela não uma omissão, mas uma intenção, um movimento de construir um legado simbólico.

A intencionalidade do personagem, longe de ser um dado isolado, evidencia como a história oral opera em um território de resistência, sobretudo quando aplicada às trajetórias de populações historicamente marginalizadas. É um campo de disputa de memórias, onde silêncios, esquecimentos e lembranças se entrelaçam. Nesse sentido, em consonância com uma pauta inclusiva da história pública, a história oral potencializa os registros e amplifica experiências da memória LGBTQIA+ a partir da sensibilidade e reconhecimento de quem narra. Em uma dimensão coletiva, tais narrativas não expressam apenas as existências singulares, mas também tensionam os discursos hegemônicos sobre sexualidade, gênero, cidadania e pertencimento. Elas assumem, assim, um papel político-pedagógico, configurando-se como práticas de história pública comprometidas com a transformação social. Logo, ao acionar um papel de escuta sensível, ou seja, o ato de ouvir o outro a partir de uma relação dialógica, assumimos a responsabilidade quanto as histórias daqueles que esperam de nós ouvidos atentos (Rovai, 2011, 2015, 2024; Portelli, 2016).

Após apresentarmos algumas condições da pesquisa e do nosso biografado, iniciamos a viagem. Partimos de um passado recente, deslocando-nos para o ano de 2018, momento em que o Brasil vivenciou a vitória de Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) para presidência do país. Incerteza, medo e insegurança em relação aos direitos eram algumas das preocupações enfrentadas pelo movimento LGBTQIA+ naquele momento. No período de transição governamental, no mês de novembro do mesmo ano, a pastora evangélica Damares Alves foi anunciada como futura ministra dos Direitos Humanos. Nessa ocasião, instituições defensoras dos direitos das pessoas com identidades de gênero e orientações sexuais não normativas foram convocadas para apresentarem um documento contendo suas reivindicações ao Estado. Na busca de diálogos, Toni Reis, presidente da Aliança Nacional LGBTI+<sup>4</sup> afirmou ao ser perguntado sobre a nomeação da pastora: “o bom barqueiro é aquele que não reclama do vento, e sim ajeita as velas” (Balloussier, 2018). Apesar das divergências e das bandeiras levantadas pela ministra, nosso personagem foi diplomático, reafirmando uma prática, um tanto controversa, de estabelecer o debate com diferentes setores da sociedade, fossem eles progressistas ou conservadores. No trajeto desse percurso, acompanhando o viajante, inferimos que as paradas eram importantes. Desbravar o que se encontra no percurso é ir além da superficialidade de apenas observar o caminho. Tal postura faz jus ao desafio de entender as complexidades e singularidades de cada indivíduo, descortinando uma história pelo buraco da fechadura (Neto, 2022).

Saímos de 2018 e retrocedemos para 1964, início da ditadura militar no Brasil,

---

4 A Aliança Nacional LGBTI+ é uma organização sem fins lucrativos que luta pelos direitos das pessoas LGBTI+ no Brasil. Fundada em 2003, tem como diretor presidente Toni Reis. Para mais informações, consultar: <https://aliancagbti.org.br>.

evento político que depôs João Goulart da Presidência da República, dando início ao governo do general Castelo Branco. No sábado, dia 20 de junho daquele ano, nasceu em Limeira, distrito de Coronel Vivida, no Sudoeste do Paraná, Toni Reis. Filho da paranaense Maria Conceição e de Miguelino Martins, de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Sobre os momentos com o pai, nosso viajante não se recorda, já que ele teria falecido quando tinha um ano de idade.

Vivendo na zona rural, morava em uma casa de madeira com pomar, repleto de frutas, como bergamota, laranja e limão. O leite, da vaca Uveirinha, era ordenhado por sua mãe, com o qual alimentava outros seis irmãos. Todos gostavam de jogar bola, aquela de meia velha, cheia de pedaços de pano, atividade que Toni diz não gostar. Preferia brincar de casinha, tendo uma penteadeira, onde guardava os perfumes, e um armário, que era a cozinha, pelo qual simulava exercer seus dotes culinários. Quando ganhava carrinhos e bolas, usava-os para compor a decoração da “casa” imaginária (Harrad, Reis, 1996). Por não apreciar o esporte, relata que os irmãos caçoavam e o agrediam na ausência da mãe, gerando sentimento de medo e aversão. Eles possuíam profissões consideradas socialmente masculinas, já Toni Reis não tinha a força que as atividades braçais exigiam. Os irmãos “eram pedreiros, marceneiros, chapeiros e tinham uma oficina mecânica e queriam me colocar para trabalhar. Era horrível, porque sujava as mãos e eu não conseguia” (Reis, 2024).

Ao nascer, inicia-se um percurso de construção identitária dos sujeitos que, dentro da norma, assumem papéis pré-estabelecidos. A ordem social, construída a partir do modelo do homem, cis e hétero exclui aqueles que porventura se desviam desses marcadores. A identidade não deve ser compreendida como fixo ou imutável, mas como um ponto de partida em constante processo de negociação. A constituição identitária se dá de forma performativa, ou seja, por meio da repetição de atos, discursos e práticas situadas em contextos específicos (Butler, 2019).

Nesse processo, corpos são disciplinados através de instituições como a família, o estado e a religião. Para além desses dispositivos, as relações de poder se constituem das interações sociais se manifestando nas trocas cotidianas entre discursos e saberes. Não se estabelece apenas como aparato repressivo, mas produz comportamentos (Foucault, 1979; Louro, 2004). Essas questões vivenciadas por Toni Reis expressam a pressão social em se conformar a papéis de gênero rigidamente definidos e classificados como masculinidade. Não se adequando ao ambiente de trabalho, e no enquadramento de gênero, nosso personagem se desvia do que, socialmente, se espera de uma performance masculina. Logo, a agressão física é também ampliada por diferentes tipos de violência simbólica. Essa é uma prática de dominação, que atua por meio de mecanismos sociais, culturais e linguísticos, que se manifesta nas relações e no cotidiano (Bourdieu, 2019).

Em um certo momento da adolescência, Toni recorda do filho da vizinha, um garoto chamado Ney, que havia inventado uma história sobre uma alegada relação homoafetiva entre os dois. Os rumores se espalharam, o que gerou piadas promovidas

pelos irmãos. Nessa época, ele diz que não sabia o significado de ser gay (Reis, 2024). O impacto quanto aos boatos sofridos evidencia um processo de homofobia internalizada e questionamentos quanto a sua identidade e autoimagem. Por não se entender como homossexual, não possuía conhecimento de termos como “viado” e “bicha”, mas presumia seu caráter pejorativo, sendo utilizados para ofender alguém, independentemente de sua orientação sexual.

Até os 10 anos, Toni Reis e a família viveram em Limeira e em Pato Branco, Sudoeste do Paraná. Após esse período, mudam-se para Quedas do Iguaçu, na região Oeste, cidade que ele considera sua terra natal por recordar acontecimentos marcantes de sua vida (Harrad, Reis, 1996). Nesse caminho, nosso viajante destaca alguns momentos significativos e de mudanças expressivas em relação a sua identidade. Entre os 14 e 19 anos enfrentou um processo de conflito pessoal ligado à sua religiosidade, pois almejava a vocação sacerdotal ao mesmo tempo que se descobria como homossexual. Durante essa época, estudava no Colégio Anchieta, uma instituição educacional administrada por religiosas, além de se integrar em atividades e ações promovidas na escola. Diz Toni Reis (2024), em um momento da entrevista:

Nessa época eu queria muito ser padre e por isso participava de todas as ações das irmãs. Elas me adoravam. Lembro de uma coisa que me marcou muito. Teve um show de talentos e eu escolhi dublar Sidney Magal, cantar a música Sandra Rosa Madalena e outra de Gretchen. Terminou a atividade e meu diretor espiritual falou: acho que não dá para ser padre. Porque padre tem que ser mais comedido.

Apesar de envolvido com a vida religiosa e de se sentir parte dessa comunidade escolar, observamos que, ao participar do show de talentos, há uma inversão do comportamento em relação ao que se espera de um futuro sacerdote: postura tradicionalmente mais recatada. Ao conversar com o padre, este teria enfatizado seu estado de pecado, sugerindo-lhe fazer uma novena para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Após uma série de “recaídas”, Toni Reis relata que foi excluído da igreja, sendo afastado do grupo de jovens e dos encontros vocacionais que vinha participando (Reis, 2024). A postura do líder religioso expressa o distanciamento de Toni Reis dos espaços de sociabilidade que giraram em torno da escola, da catequese e demais atividades litúrgicas. Impondo um afastamento social e espiritual, o discurso moralista marca um episódio doloroso e que agrava o conflito interno do personagem: parte da família e membros da igreja não o acolhiam, repeliam do convívio social e sinalizavam para um futuro *in off*.

A Igreja Católica, enquanto instituição que contribui na formação de percepções e valores, influencia no discurso do que é aceito em uma dada sociedade. A tensão entre pertencer a um organismo religioso e se sentir excluído atinge não apenas a fé, mas, sobremaneira, sua identidade. Para ser acolhido, deve deixar o “estado de pecado”, como adverte o padre, e acatar os preceitos da religião, o que significa viver

uma relação heterossexual (Souza, 2020). Diante das pressões sentidas, Toni Reis teria admitido para sua mãe que era doente e pecador, situação que lhe causava culpa e vergonha. Com o passar dos dias e meses, o sentimento de culpa se agravou, de modo que evitava, até mesmo, sair de casa para não manter contato com as pessoas do seu entorno. Esse cenário de isolamento como fuga da realidade vivenciada é acarretado por fatores como medo da rejeição, a falta de apoio, entre outros fatores emocionais que acometem inúmeros jovens LGBTQIA+, ocasionando o que a psicologia denomina como estresse de minoria<sup>5</sup> (Meyer, 2003; Pavelchuk, Borsa, 2020). Ao falar sobre a homossexualidade para sua mãe, ela teria chorado. Essa reação expressa uma série de aspectos relacionados às suas crenças pessoais, religiosas, valores e expectativas em uma sociedade que assume um modelo heterossexual.

Diante do martírio vivenciado, Toni Reis tenta alcançar soluções em outras religiosidades, buscando diferentes caminhos para a “cura”

Eu fui na igreja do pastor Gilson, da Assembleia de Deus. Lá tinha de manhã a cura, o sangue de Cristo tem poder. Cheguei e o pastor disse: esse menino tem um problema e vamos orar por ele. O pastor não falou o problema que eu tinha para os membros da igreja. Rezamos seis meses, mas não deu certo (Reis, 2024).

No discurso do pastor, a homossexualidade é vista como um mal que não pode ser exposto à comunidade religiosa. Em um processo de libertação dos desejos, são acionadas orações realizadas em um longo período. Sabemos que a “cura gay” nas igrejas evangélicas, estabelecidas por meio de campanhas de “cura e libertação”, expressam a homofobia presente nas instituições (Natividade; Oliveira, 2009). A frustração diante da falta de resultados leva Toni Reis e sua família a recorrerem a um pai de santo. Este, por sua vez, afirmou que o jovem teria uma Pombagira com duas cabeças desgovernadas. A solução, então, seria fazer uma oferenda, levando batom e champanhe, o que foi feito, com a ajuda de sua mãe e seus irmãos. Dentro de religiões de matriz africana, a Pombagira é considerada um exu feminino que lida com questões amorosas e desejos sexuais. Sendo na Quimbanda uma entidade ligada às fraquezas humanas, ela transita entre os mundos espiritual e humano (Prandi, 2022; Barros, 2007). Mesmo com esses esforços, e diante de pressões sociais enfrentadas, nosso viajante se vê em uma crise marcada por pensamentos suicidas, agudizada pelo sentimento de exclusão, isolamento e tristeza.

Na trajetória de Toni Reis, desde infância e adolescência, fica marcada sua aproximação com o universo da religião, em especial da católica. Sobre isso, ele fala de suas concepções:

---

5 O estresse de minoria é uma teoria que defende que as minorias sociais enfrentam fatores estressantes que levam o adoecimento mental devido à constante opressão. O termo ganhou destaque com o psiquiatra americano Ilan Meyer durante a década de 1990 (Meyer, 2003).

Eu acredito que há algo muito superior a gente e que Deus é dez. O meu Deus dança, o meu Deus não é punitivista. O meu Deus não é misógino. Não sou hermeneuta, mas eu gosto da ideia que a gente cria os deuses e, o meu Deus, é o da Igreja Católica. Eu gosto muito dos rituais, mas eu sou crítico da igreja (Reis, 2024).

Nessa relação entre indivíduo e sua espiritualidade, concluímos que Toni Reis relata uma visão inclusiva de um Deus que acolhe os sujeitos. Essa concepção chama atenção, pois contrasta com os discursos religiosos tradicionais que apresentam um caráter de punição frente aos pecados, principalmente, no que se refere à homossexualidade. Nota-se uma crítica à maneira como, em geral, se interpretam e utilizam determinadas concepções espirituais. Outro ponto interessante é o modo como Toni Reis valoriza os aspectos culturais e simbólicos da tradição ao reconhecer a influência da Igreja Católica. Porém, se opõe à visão de alguns dogmas e preceitos como a falta de liberdade individual. Esse entendimento expressa o debate da espiritualidade na contemporaneidade e a busca por sentido diante das experiências humanas. Com o advento da modernidade, a religiosidade passa assumir uma fluidez; essa fragilidade quanto as certezas até então definidas pela religião dá lugar a novas ressignificações da fé, em que o indivíduo se apropria e reinterpreta as tradições (Mezzomo, Anjos, 2020; Silveira, 2014).

A dimensão religiosa na vida de Toni Reis ultrapassa os momentos vivenciados na infância e adolescência, como presenciamos, em sua casa, e na companhia de David Harrad, seu esposo. Era 27 de julho de 2024, um sábado ensolarado, mas frio em Curitiba. A equipe de pesquisadores do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI+), formada por Alisson Gonçalves, Alberto Schmitz II, Vanessa Bueno e Izabela de Paula Gomes, foi convidada para discutir projetos a serem desenvolvidos pelo Grupo Dignidade em parceria com o CEDOC LGBTI+. Subimos as escadas do prédio e fomos recebidos pelo cachorro, de médio porte, do casal. Na sala, há uma parede repleta de fotografias e ações realizadas pelo casal, além de fotos dos três filhos. Chama atenção uma carta assinada com a fotografia do Papa Francisco com uma moldura verde ao lado das recordações de viagens realizadas com seus filhos adotivos. O anfitrião não titubeia, e com regozijo diz que a missiva do Vaticano autorizava o batizado dos dois filhos. Esse material simbolizou para ele a “aceitação” da sua família no seio maternal da Igreja, enquanto fiéis e membros da instituição religiosa<sup>6</sup>.

Os aspectos religiosos também estão presentes na constituição familiar. O batismo dos filhos e o casamento de Toni Reis demonstram que a religião promove sentidos e significados em sua vida. Além disso, intuímos que, a imagem do Papa Francisco, como liderança religiosa, entendido por muitos como o papa da acolhida, desperta em nosso

---

6 Toni Reis e David formalizaram o casamento civil, cuja cerimônia ocorreu na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e oficiada pelo bispo Primaz Dom Naudal Alves Gomes, em 2018.

viajante diferentes reflexões sobre o catolicismo, especialmente quando os debates envolvem questões de sexualidade. Embora apresentadas como fronteiras opostas, sexualidade e religião constituem a identidade do nosso personagem.

Voltamos para a juventude de nosso sujeito. Toni Reis se encontrava sem esperanças sobre o que sentia em relação ao desejo por pessoas do mesmo sexo. Diante do insucesso das novenas e orações familiares, a “cura” da homossexualidade poderia vir pela medicina, quando sua mãe o acompanhou a uma consulta com médico Antônio Freire, em Pato Branco. Ao revisitar essa memória, Toni Reis afirma que o especialista teria informado sobre sua homossexualidade. O profissional da saúde, além disso, aconselhou o jovem a se dedicar aos estudos e, se possível, viver em uma cidade maior, devido à discriminação enfrentada nas localidades menores. Essa postura, rememorada nestes termos, se difere da abordagem tradicional e patológica, que via a homossexualidade como desvio mental. Em um exercício de solidariedade e apoio, o médico aponta alternativas para que Toni Reis pudesse viver de maneira autêntica.

Ao falar das pequenas cidades, vemos a valorização de tradições e aspectos morais que colidem com as identidades alternativas, causando sofrimento a esses indivíduos. Essa possível “aceitação”, nos grandes centros, sugere existir múltiplos trânsitos e dinâmicas nas metrópoles. A diversidade cultural e os diferentes fluxos identitários possibilitam a construção de sociabilidades e espaços formando uma rede de apoio a esses sujeitos. Durante a década de 1970, em algumas regiões, as relações entre pessoas do mesmo sexo começam a sair da “clandestinidade” para ocupar locais públicos e que, posteriormente, se tornam palco de uma espécie de resistência pública (Macrae, 2018; Feitosa, Silva, Zacarias, 2020).

O processo de se entender homossexual foi marcado por desafios. Toni Reis enfatiza que não tinha nenhuma referência sobre homossexualidade masculina. Na televisão, esses sujeitos eram vistos como personagens caricatos que traziam o alívio cômico, dentre eles, Capitão Gay (Jô Soares) e Haroldo (Chico Anísio), o que reforçava o estereótipo da homossexualidade. A falta de representação dentro do âmbito público e o isolamento devido a hostilidade em relação a orientação sexual fazia com que ele encontrasse nos estudos um modo de se expressar e buscar aceitação (Reis, Harrad, 1996).

Não conseguindo prosperar na carreira eclesiástica, desejo manifestado em diversas situações, Toni Reis viu nos estudos uma maneira de se encontrar e, posteriormente, iniciar seu ativismo político. Na escola, buscava se destacar entre os alunos, criando estratégias para sobreviver em meio ao sistema educacional que reproduz violências contra corpos dissidentes. Sentindo-se inferior perante os comentários dos irmãos, e na busca por respeito diante da sociedade, Toni Reis foi aprovado no concurso para funcionário do Banco do Brasil, embora a escolha profissional acabou sendo outra.

Nos deslocamos, temporalmente, para 1984, quando nosso viajante viveu momentos de liberdade após passar as férias em Balneário Camboriú, Santa Catarina.

Em dias regados a festas e companhia masculina, conta que foi o momento de extravasar o que havia reprimido durante sua vida (Reis, Harrad, 1996). Após voltar dessa experiência, mudou-se de Quedas do Iguaçu para Curitiba, iniciando sua formação acadêmica no curso de Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Escolheu esse curso em período noturno, pois trabalhava durante o dia para se sustentar durante essa época.

Na mudança para Curitiba, se engajou em questões políticas e sociais, participando do Partido dos Trabalhadores (PT) e frequentando movimentos estudantis e de professores. Morou na Casa do Estudante Universitário do Paraná (CEU), assumindo a liderança de 414 estudantes, após vencer as eleições, concorrendo contra seis candidaturas, cujo mandato se estendeu de 1987 a 1988. Nesse período, enfrentou a violência e a discriminação em relação a sua identidade perante a comunidade estudantil. O jornalzinho feito por estudantes contrários à sua candidatura, por exemplo, questionava sua liderança por ser homossexual. Esse episódio demonstra os desafios que indivíduos LGBTQIA+ enfrentam em diferentes ambientes, mesmo estando em posição de liderança (Reis, 2024).

Ao lançarmos o olhar sobre uma biografia e reduzindo a escala de observação, conseguimos desvendar alguns fios que ligam as esferas do indivíduo e da sociedade, sem que uma se sobreponha à outra (Levi, 1992; Schmidt, 1996). Entender a construção identitária de um sujeito envolve a compreensão das diferentes camadas que o constituem. Na dinâmica das relações cotidianas, observamos que, enquanto estudante, esses eventos vivenciados por nosso viajante são mais que situações passageiras, pois revelam a (in)tensidade das trocas humanas, das disputas de poder que ocorrem nas micro relações, de maneira horizontal (Foucault, 1979). Logo, podemos compreender como o sujeito e a sociedade mutuamente se impactam. Toni Reis parece ter se desviado da rota determinada desde o nascimento, buscando estratégias a fim de traçar um caminho possível. “Eu quebrei os meus aquários, porque a sexualidade é um oceano”, afirmou Toni Reis (2024), acrescentando que a liberdade em ser quem é ultrapassa as fronteiras, ou nessa metáfora, rompe as margens que o sufocavam.

## “A bicha vai se organizar”: a performance pública de Toni Reis e a formação do Grupo Dignidade

Como Antônio Luiz Martins dos Reis se tornou Toni Reis? Procuramos, pois, compreender a construção da sua persona política e o surgimento do Grupo Dignidade, ocorrido em um dos momentos emblemáticos da sociedade brasileira, que se deu em meio à euforia das eleições democráticas nacionais em 1989 e as ações em torno da epidemia do HIV/AIDS. Para analisarmos nosso personagem lembramos da

jovem Catarina, cuja trajetória, marcada pelas relações familiares, escolares e sociais nos Estados Unidos dos anos 1970, reflete a complexidade de uma sociedade fragmentada (Velho, 2003). Nesse contexto, os sujeitos adotam múltiplas identidades e formulam projetos que mudam conforme as transformações sociais, culturais e identitárias promovidas em uma sociedade complexa.

Estamos com nosso viajante em fins dos anos de 1980 e início da década de 1990. Após se formar em Letras, em 9 de março de 1989, Toni Reis embarca em sua aventura para a Europa. Agora com 24 anos de idade e com as passagens adquiridas com apoio da mãe, o jovem entra com 10 dólares na Espanha. Ele comenta que sua experiência internacional contou com o jeitinho brasileiro e um mês vivendo nas ruas, onde foi ajudado por mulheres trans e travestis, que o auxiliaram com roupas e alimentação. Após esse período, conseguiu trabalho em um circo como cuidador de animais (Reis, 2024).

Entre 1989 e 1991, participou de manifestações e movimentos organizados. Estando em países como Espanha, Inglaterra, França e Itália, envolveu-se no ativismo e participou em 1989, em Viena, da primeira conferência da Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transsexuais e Intersexos (ILGA). Nessa ocasião, durante passagem pela Inglaterra, conheceu David Harrad, que passaria a ser seu esposo e com quem convive há 34 anos. Os dois se conheceram na saída da estação de Highgate, em Londres. Nessa época, David era casado com uma mulher, e Toni Reis teria ajudado a se entender como homossexual (Reis, Harrad, 1996).

Depois da separação de David, em 1991, ambos embarcam para o Brasil. Influenciados pelas experiências políticas e pela interação com ativistas da segunda onda do movimento homossexual brasileiro, decidiram fundar um grupo de luta (Facchini, 2022). Toni Reis relata que o estopim para a decisão aconteceu depois de uma discriminação sofrida no aeroporto, em São Paulo:

eu perdi uma mala e tive que descrever ao atendente sobre o ocorrido. Eu tinha comigo o Luiz Gustavo, um coelhinho de pelúcia. Aí o cara começou a discriminar, dizendo coisas como, 'ah, então você é bicha'. Sabe quando você se sente assim? Quando volta aos 14 anos. Aí puxa os meus gatilhos. Deixa que a bicha vai se organizar. Chegamos em Curitiba e começamos a fazer a organização no nosso apartamento (Reis, 2024).

Toni Reis, seu companheiro David Harrad e cinco amigos, todos professores, criam o Grupo de Entendidos e Entendidas do Paraná (GEEP)<sup>7</sup>. Posteriormente, a instituição passa a adotar o nome Grupo Dignidade, pela Conscientização e Emancipação Homossexual. Fundado em 14 de março de 1992, atuava inicialmente de maneira informal, realizando reuniões quinzenais no apartamento do casal,

7 O termo "entendido" refere-se aos homossexuais que tinham medo de se expor, buscando uma forma de se identificar de uma maneira menos explícita devido a discriminação que esses indivíduos enfrentavam.

situado na Rua Cruz Machado, 353 (Ata Fundação, 14 mar. 1994). O intuito do grupo era compartilhar experiências, questionamentos, dúvidas e discussões acerca da homossexualidade. Toni Reis narra sobre a importância em obter o registro formal do Dignidade, afinal, a institucionalização, além formalizar a existência, conferiria apoio legal e certa legitimidade social para os projetos que se almejavam desenvolver a partir do grupo.

A primeira reportagem sobre o surgimento da organização ocorreu em 23 de junho de 1992 pelo jornal *Estado do Paraná*, com o título “Gays criam grupo de luta em Curitiba: o movimento quer garantir os direitos dos homossexuais e batalhar contra o preconceito”. Na foto da matéria, temos Toni Reis, David Harrad e Valéria, que na época era professora de Geografia e uma das primeiras mulheres lésbicas do Grupo Dignidade. A repercussão desse acontecimento foi, nas palavras de Toni Reis, “um *boom* em Curitiba, foi um caos na minha vida”, já que na época atuava como professor da rede pública do Paraná.

O diretor me ligou e falou, Toni, nós sabemos que você era viado. Por que você vai contar? Finja que você não é e a gente finje que não sabe. Você pode ficar 15 dias sem dar aula. Teve várias resistências, falavam que eu sujava a imagem do magistério (Reis, 2024).

Apesar de ter sido orientado a não realizar suas atividades como docente, Toni Reis relata que foi até São José dos Pinhais, cidade onde atuava como professor de Inglês, para dialogar com os educadores e estudantes a respeito da sua sexualidade. A postura do diretor, ao querer que escondesse sua orientação sexual, reflete um problema na escola que, em suma, deveria ser um ambiente inclusivo. Mesmo sendo um espaço de formação, a escola reproduz padrões sociais, perpetuando valores, naturalizando hierarquias e sistemas de opressão e reiterando as desigualdades. Logo, nega a homossexualidade mediante a concepção heteronormativa (Lionço, Diniz, 2009; Louro, 2001).

O Grupo Dignidade surge no processo de transformações políticas e novas dinâmicas do movimento homossexual brasileiro, em um momento que explodia no Brasil a epidemia da AIDS. Nesse contexto, tornou-se evidente outras formas de violência que iam além da repressão policial. A desinformação de que a doença era propagada por homossexuais masculinos trouxe à tona discursos religiosos, que enxergavam na doença um castigo de Deus, como resultado da prática pecaminosa. A mídia, enquanto formadora de valores e comportamentos, estampava nas páginas de jornais e revistas rostos famosos e as consequências letais da doença. Por meio de uma enxurrada de distorções e equívocos, iniciou-se uma onda de perseguição a homossexuais, gerando um pânico moral, por diferentes setores da sociedade como promiscuidade e impureza (Luca, 2011; Pelúcio; Miskolci, 2009). A edição n. 1077 da *Revista Veja*, publicada em 26 de abril de 1989, estampava a manchete: “Cazuza: uma

vítima da Aids agoniza em praça pública”. O cantor e compositor brasileiro foi uma das primeiras personalidades a assumir ser soropositivo. O texto, de cunho preconceituoso, evidencia uma espetacularização da doença o que reforçava o estereótipo de ser gay.

Entre as décadas de 1980 e 1990, o movimento homossexual esteve relacionado a políticas de enfrentamento da AIDS. Diante dos primeiros casos no Brasil, foi criado o Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA), vinculado à Secretaria da Saúde de São Paulo, que prestava assistência aos soropositivos e fiscalizava a atuação médica (Macrae, 2018). Porém, é importante ressaltar as tensões quanto à agenda da epidemia e dos movimentos sociais. Alguns grupos homossexuais, como o Arco Íris e o Triângulo Rosa, liderado por João Antônio Mascarenhas, do Rio de Janeiro, não assumiam esse papel de combate do vírus por buscarem se dissociar dessa pauta em função dos marcadores estigmatizados (Caetano, Nascimento, Rodrigues, 2018). Outras organizações, sobretudo aquelas formadas por homens gays, se alinharam aos programas e políticas públicas para o combate da doença, se articulando na luta de enfrentamento e assumindo uma agenda de promoção de cidadania e direitos humanos (Andrade, 2002). Essa parece ter sido a postura do Grupo Dignidade, que se aliou à pauta, na busca em combater e promover a prevenção e informação sobre HIV/AIDS. Vale ressaltar os altos índices de casos de pessoas vivendo com a doença na capital paranaense, além de ser uma realidade presente entre os membros da organização.

Toni Reis relata que João Antônio Mascarenhas e Luiz Mott inspiraram o seu ativismo, ainda que com opiniões diferentes sobre quais posicionamentos devia tomar relativamente ao HIV/AIDS. Mascarenhas acreditava que o combate ao vírus era um problema de saúde pública, enquanto Mott defendia que as ONGs trabalhassem com a questão do HIV. Apesar de Toni Reis assumir uma visão ligada a Mascarenhas devido ao estigma sobre os homossexuais, acaba adotando uma postura semelhante à de Mott, em decorrência das preocupações em torno da doença e a forma como ela atingia os homossexuais (Reis, 2024).

O mote das reuniões do Grupo Dignidade girava em torno das causas da homossexualidade. Encontrando-se aos sábados, contava com homossexuais de diferentes classes sociais, que frequentavam o espaço por diferentes motivos: dúvidas sobre o HIV/AIDS, preconceito, rejeição familiar, solidão, curiosidade, entre outros. Toni Reis conta que enviava cartas para grupos do movimento nacional e internacional, além de dialogar com o Grupo Pela Vida Paraná (Villard, s/d), que trabalhava com questões relacionadas ao HIV/AIDS.

Uma das primeiras ações da organização consistiu na criação do boletim informativo *Folha de Parreira*, lançado em 1992, por meio do qual eram divulgadas as ações desenvolvidas. As edições do jornal, inicialmente datilografado por David Harrad e impressas em folhas A4, começaram a ser produzidas por intermédio da doação do papel pela então secretária municipal de saúde de Curitiba, Mariângela Batista Galvão Simão. Nesse momento, o grupo de amigos que se reunia quase que clandestinamente

começam a ser conhecido, de modo que foi chamado para uma rodada de entrevistas no *Jornal Comunicação*, da Universidade Federal do Paraná, além de ser solicitado para contribuir na mobilização política da Reforma Constitucional, que aconteceria em 1993 (Grupo Dignidade, 2008).

Segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, no ano de 1992 foram contabilizados 182 casos de pessoas com HIV/AIDS e 131 óbitos registrados. Nesse cenário, o Grupo Dignidade, representado por Toni Reis, e o então secretário de saúde do Estado, Nizan Pereira, vão a público em um debate televisivo, cujo objetivo era discutir estratégias de combate à epidemia que se expandia na capital e no Paraná (Grupo Dignidade, 2008). Esse episódio se configurou como um diálogo em torno da saúde coletiva, pautado na busca por políticas públicas. Toni Reis mostra um possível caminho ao falar da utilização de preservativos por parte da população, considerando a preocupação com o avanço da doença.

A discussão desse tema na esfera pública ocorria, em grande medida, através de informações distorcidas o que contribuía para o estigma da homossexualidade. Ao falar de medidas a serem tomadas pela Secretaria de Saúde, o secretário admitia as dificuldades e a falta de preparo e conhecimento das equipes. Como atender e acolher esses indivíduos? Logo, a epidemia da AIDS “projetou uma sombra sobre a liberdade sexual, abalou os usos e costumes dos eruditos e dos homens comuns, e mostrou claramente a grandeza e os limites da ciência” (Moulin, 2008, p. 33). Toni Reis e o Grupo Dignidade se colocaram como agentes que atuavam nas ações de enfrentamento da doença, dialogando com o poder público e a comunidade homossexual. Da aproximação com as autoridades de Curitiba, surge a primeira sede do Grupo Dignidade, localizada na travessa Tobias de Macedo 53, 2º andar (Reis, Entrevista, 2024). Esse espaço foi alugado, mediante um convênio vinculado à Secretaria Estadual da Saúde para a realização dos encontros da organização. Esse movimento expressa como Toni Reis traçou uma estratégia de trabalho dialogando com os setores públicos da cidade. Essas parcerias permitiram que nosso viajante e o Grupo Dignidade transitassem em locais de destaque político, o que demonstra articulação e o jogo de interesses envolvido na efetivação de políticas públicas.

Para conter o avanço da doença, foram adotadas medidas como a conscientização sobre sexo seguro e o uso de preservativos. Nesse contexto, surgiram dois projetos importantes do Grupo Dignidade: o Arrastão da Vida e a Arca de Noé. O Arrastão da Vida, iniciado em 1993 e financiado pela Secretaria da Saúde, buscava esclarecer dúvidas sobre a transmissão da AIDS aos trabalhadores do sexo, como michês<sup>8</sup>, prostitutas e travestis, além de colaborar na distribuição de preservativos a essa população. O nome “Arrastão” surgiu em contraposição aos arrastões policiais, que tinham como intuito a higienização e violência contra a população homossexual curitibana. Nessa construção

---

8 Termo utilizado para se referir ao profissional do sexo masculino, que oferece serviços dessa natureza em troca de dinheiro.

de políticas públicas na cidade, o Grupo Dignidade se estabeleceu como ponte entre o governo e a sociedade. As ações do projeto ocorriam em boates, clubes, e em pontos conhecidos, como a Praça Tiradentes, a rua XV de Novembro e a Praça Carlos Gomes (Grupo Dignidade, 2008).

Já em 1994, foi criado o projeto Arca de Noé, financiado pelo Programa Nacional de Controle de DST e AIDS, em parceria com o Ministério da Saúde e Banco Mundial, com o propósito de informar a população masculina homossexual sobre HIV/AIDS e incentivar o uso do preservativo para evitar riscos. O nome “Arca de Noé”, segundo Toni Reis, faz referência à narrativa bíblica do dilúvio. O *design* do cartaz do projeto trazia uma camisinha em formato de uma arca, com “todos os gays entrando na camisinha”, pois a epidemia caracterizava o dilúvio, a morte de inúmeros homossexuais (Reis, 2024).

Com objetivo de fazer um diagnóstico educativo, o projeto se deu a partir de um questionário com 70 perguntas, que foi aplicado para 178 homens em diferentes locais frequentados por homossexuais (Relatório Arca de Noé, 1994). Esse diagnóstico foi de suma importância para a produção de cartazes, folhetos e materiais informativos sobre o HIV/AIDS. Nesse movimento, é criado o Super Babado Forte, um personagem de quadrinhos, sendo o primeiro super-herói gay soropositivo. De maneira didática, o material informava sobre o sexo seguro. Era distribuído em espaços públicos da cidade, com ações realizadas na Boca Maldita, entre a Rua XV de Novembro e a Praça Ozório, na área central de Curitiba. No Dia Mundial de Combate à Aids, comemorado em 1º de dezembro, o Grupo Dignidade circulava nas ruas para conscientizar a população da capital. Utilizavam a imprensa alternativa, entre elas o Jornal *Folha de Parreira*, que se colocava como um veículo de informação para chamar atenção dos leitores em relação ao trabalho e às campanhas desenvolvidas.



Imagem 1: Materiais informativos sobre o Projeto Arca de Noé (1994-1995)  
Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI+)

Apesar dos esforços e da luta pela conscientização sobre o uso da camisinha, a epidemia da AIDS era tratada como tabu, dentro e fora dos círculos de homossexuais. Sendo uma doença associada à morte, havia um silêncio por parte daqueles que adquiriam o vírus. O medo de uma suposta identidade homossexual ser descoberta causava pânico, predominantemente, para aqueles que possuíam relações homoeróticas, de modo que muitos preferiam negar a identidade, camuflar ou assumir, forçosamente, a heterossexualidade. Além disso, o vírus, de caráter sexualmente transmissível, era combatido a partir dos discursos da família tradicional e de instituições como a Igreja Católica que enfatizavam a monogamia como alternativa preventiva. Logo, a fidelidade se contrapõe à promiscuidade que, sob equívoco, seria inerente à própria identidade gay. A moralidade sexual ganha força a partir do advento do HIV/AIDS, chamando atenção para o “estilo de vida” adotado pela sociedade (Costa, 1992; Macrae, 2018; Sontag, 2007).

Nesse cenário, Toni Reis, como representante do Grupo Dignidade, se pronunciava frente à postura religiosa, como ocorreu em alguns episódios envolvendo o arcebispo de Curitiba, Dom Pedro Fedalto. Em 1993, em um texto intitulado “A igreja e a homossexualidade”, nosso personagem questiona a visão conservadora da instituição em relação ao tema da AIDS, destacando a importância do uso da camisinha e do acesso à informação como maneira de se prevenir e de preservar a vida (*O Estado do Paraná*, 19 set. 1993).

Outros embates e discordâncias com alguns segmentos da Igreja foram publicizados entre 1993 e 1995, a partir de uma encíclica papal e da Campanha da Fraternidade, cujo tema era exclusão social. O documento *Veritatis Splendor*, de João Paulo II, abordou questões morais e éticas à luz da fé cristã, mostrando a importância da verdade moral. A condenação da homossexualidade e do sexo pré-matrimonial, para o nosso viajante, representa uma hipocrisia do clero, pois relega “ao segundo plano questões como a fome e a miséria humana” (*Folha de São Paulo*, out. 1993). Em nota criticando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Toni Reis enfatiza as contradições sob o modo em que o acolhimento da instituição religiosa é apresentado, principalmente, em relação aos portadores do HIV, “o porquê de uma exclusão paradoxal de uma campanha de não-exclusão” (*Jornal do Estado*, mar. 1995). O silêncio em relação a questões caras da comunidade homossexual converge com o discurso pregado sobre o dever de o cristão de acolher cada pessoa como irmão ou irmã na pessoa de Jesus Cristo (Natividade, Oliveira, 2009). Assim, compreendemos que nosso viajante, nesses episódios conflitivos com a instituição eclesiástica, demonstrava a necessidade de se manifestar e questionar mediante o que estava sendo veiculado no âmbito público. Respondendo aos discursos religiosos de forma direta, em um movimento de desmistificar e contra-argumentar, Toni Reis assume essa imagem de quem fala o que pensa.

Nesse processo, Toni Reis, até então, professor da rede pública de São José dos Pinhais, ganha os olhares da imprensa local. Sendo presidente do Grupo Dignidade, ele

representava a instituição em reportagens divulgadas em diferentes veículos midiáticos. Nas palavras de José Carlos Reis, editor do *Gazeta do Povo*, Toni Reis virou um “personagem que os repórteres viviam atentos”. A importância de ir a público e reivindicar os direitos era uma bandeira levantada no Grupo Dignidade. Falar abertamente sobre sexualidade em um período marcado pelos estigmas da homossexualidade era estar diante do medo e da insegurança, em uma cidade que se afirmava europeizada (branca, hetero e cis) na narrativa oficial. A construção de Curitiba se deu a partir da negação das diferenças e pela invisibilidade de outros sujeitos históricos que participaram da formação do município (Moraes, Souza, 1999).

Assumindo esse caráter como figura pública, Toni Reis debatia as distorções de discursos contrários ao uso da camisinha e sua eficácia para o sexo seguro. Na reportagem da *Folha de Londrina*, de 28 de outubro de 1994, destaca-se o embate de opiniões sobre o preservativo na prevenção do HIV/AIDS. A matéria em primeiro plano intitulada “Grupo gay luta por direitos humanos”, aborda a atuação do Grupo Dignidade e seus diálogos com autoridades da saúde. Nota-se que a foto que acompanha o texto apresenta Toni Reis sentado na Boca Maldita, em Curitiba, e atrás identificamos frases como “Os homossexuais também querem viver”, “Impunidade gera violência”, “Olhe para o homossexual sem preconceito” (Imagem 2). Para além da questão da doença, que dizimou inúmeros homossexuais, o protesto refere-se aos assassinatos que estavam ocorrendo na cidade e o descaso das autoridades em relação à impunidade. No chão, e também na camisa de Toni, identificamos triângulos cor-de-rosa, símbolo antes utilizado para designar homossexuais perseguidos nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial e que, posteriormente, foi ressignificado pela comunidade LGBTQIA+. Era, definitivamente, uma chamada histórica dramática, afinal rememorava, em alguma medida, a experiência do holocausto, realizado sob os auspícios do nazismo.



Imagem 2: Reportagem sobre a eficácia de preservativo  
Fonte: Folha de Londrina (28 out. 1994)

Nesta mesma edição da *Folha de Londrina*, de 28 de outubro de 1994, outras duas matérias trazem à tona a problemática da homossexualidade e o combate ao vírus. A reportagem “Heterossexuais são grupo de risco” revela que a maioria dos infectados

com o vírus era composta por heterossexuais. Segundo Toni Reis, esse dado estabelece uma mudança no perfil dos portadores do HIV/AIDS, desmistificando a ideia de que seria uma doença exclusivamente transmitida por homossexuais. Essas notícias veiculadas na imprensa operam como ferramenta de comunicação, informando a sociedade sobre o vírus. A segunda faixa, com o título “Organização defende o uso de camisinha”, apresenta um debate entre Toni Reis e o presidente da Associação Nacional dos Terapeutas Naturalistas, Rogério Fagundes Filho. O profissional teria dito que os preservativos eram apenas uma jogada de “milhões”, enfatizando que esse produto não evitava a transmissão do vírus. Toni Reis e o Grupo Dignidade reagem às afirmações, elaborando um dossiê sobre o uso de preservativos.

Desse modo, a epidemia do HIV/AIDS se configurou como um momento de evidência para Toni Reis e o Grupo Dignidade. A partir de ações de prevenção e conscientização, temos a construção de uma visibilidade pública em diálogo com a agenda política a nível municipal, estadual e federal. Estes embates e alianças trouxeram a discussão envolvendo políticas públicas em prol da saúde e da população considerada como grupo de risco. Essa postura é fruto da terceira onda<sup>9</sup> do movimento homossexual, em que o processo de organização se modificou a partir das articulações com o poder público e a cobrança de posicionamento inclusivo do Estado. Passadas três décadas destes debates, podemos dizer que o HIV/AIDS deixou de ser um estigma exclusivamente ligado à homossexualidade, sendo discutido nas relações heterossexuais e monogâmicas, além dos avanços da medicina em relação ao tratamento por meio de coquetéis e de políticas de conscientização. O combate a doenças sexualmente transmissíveis continua sendo uma bandeira levantada pela instituição e por Toni Reis. A partir de projetos financiados pelo Ministério da Saúde, nos anos subsequentes ao *boom* da epidemia, constatamos que o Grupo passou a fazer autotestes gratuitos, distribuição de camisinhas e formações nas Unidades Básica de Saúde (UBSs) de Curitiba, com programas como o *A Hora é Agora* (Grupo Dignidade, 2008).

## Não é o fim da estrada..., possibilidade de novos caminhos

Acompanhamos, no decorrer desse texto, alguns caminhos tomados por

---

9 Segundo Regina Facchini (2003), a trajetória do movimento homossexual brasileiro pode ser compreendida a partir de diferentes “ondas”, que correspondem a momentos históricos distintos de organização, pautas e estratégias políticas. A primeira onda, que compreende o final da década de 1970 e início dos anos 1980, caracteriza-se pela emergência dos primeiros grupos organizados, influenciados pelo contexto de redemocratização. A segunda onda, a partir dos anos 1980 e ao longo dos anos 1990, é marcada pela reorganização do movimento diante da epidemia de HIV/AIDS, com maior institucionalização, articulação com o Estado e diversificação das demandas. Por fim, uma terceira onda, já nos anos 2000, evidencia a ampliação das identidades políticas, a consolidação de redes e ONGs e a crescente discussão em torno de políticas públicas e espaços institucionais.

nosso viajante, cobrindo momentos de sua infância e adolescência e início de seu ativismo, demonstrando como sua identidade se constituiu a partir de um processo contínuo, marcado por conflitos pessoais, debates públicos e alianças com segmentos da sociedade e do Estado. Entender Toni Reis é evidenciar um processo de luta que conta com desvios da norma e elaboração de estratégias para (re)existir. Para alcançar seus objetivos e construir ações em prol da defesa da população LGBTQIA+, nosso sujeito dialoga com diferentes setores públicos, que apresentam perspectivas políticas diferentes, tanto de direita quanto de esquerda. Postura contraditória, diplomática, parcimoniosa, conscienciosa? Embora às vezes se espera uma trajetória linear, sabemos da complexidade que cada indivíduo assume nas tomadas de decisões e na construção de sua narrativa individual.

Relembrando alguns momentos de sua formação e atuação, em 2025, aos 60 anos, Toni Reis confirma que está em uma nova mudança, um novo caminho: aquele que se refere à declaração existencial. Ultrapassando os limites do “nome público”, Antônio passa a se dar a conhecer como Toni Reis, nome pelo qual quer ser lembrado. Para consolidar essa identidade, ele registrou legalmente o novo nome em cartório, exercitando a autonomia narrativa sobre sua trajetória. Desse modo, busca construir a identidade a partir de suas concepções. A influência religiosa em relação a escolha do nome evidencia como essa instituição contribuiu na formação identitária para além dos valores morais e culturais. Reconhecer-se enquanto Toni Reis é afirmar sua história construída ao longo do tempo. O nome transcende o dado biográfico, é um símbolo de liberdade, de aceitação e luta por direitos em uma sociedade que ainda violenta pessoas que fogem da estrada cis heteronormativa.

Ao trazer a trajetória de Toni Reis para o debate, de alguma maneira estamos escrevendo uma história possível sobre as homossexualidades no Brasil, também entendida como uma tentativa em “ajudar a recompor um território tantas vezes camuflado (quando não apagado) da vida e da cultura brasileira” (Trevisan, 2018, p. 25). Sabemos das lacunas no que concerne à memória de identidades minoritárias no Paraná e das poucas pesquisas históricas que se debruçam nessa temática. Nesse sentido é que nos sentimos impulsionados a problematizar as narrativas do nosso viajante, entendendo que cada indivíduo possui sua singularidade e complexidade. A identidade não é uma construção estática e linear, mas um processo dinâmico que dialoga, constantemente, com o campo de possibilidades. Nosso personagem é, portanto, resultante da composição de concepções oriundas do seio familiar, das experiências vivenciadas e das alianças que constituiu na militância. Entendemos, nesse movimento, que as identidades são fragmentadas, característica marcante das sociedades complexas na contemporaneidade.

Ao pensarmos sobre suas vivências, compreendemos sua relevância junto ao Grupo Dignidade na construção de um ativismo que atuou em prol de direitos da comunidade LGBTQIA+ em Curitiba, oriundo da rede básica de ensino e, posteriormente, diretor executivo do Grupo Dignidade. Como representante da instituição, buscou combater

e conscientizar questões sobre o HIV/AIDS em um cenário em que os discursos estigmatizavam esses indivíduos, ora colocados como “bodes expiatórios”.

Sabemos da necessidade de discutirmos essa temática, a fim de evidenciar trajetórias até então não acionadas, democratizando o saber científico e o compromisso ético junto aos movimentos sociais. Sinalizamos que essa estrada, que não termina aqui, permite abrir novos caminhos com outras pesquisas. Nas palavras de Bruna Benevides, presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Benevides, 2024), “vivemos o futuro que nossos antepassados LGBT sequer sonhavam”. Produzir reflexões e atuar na sociedade é uma forma para articular as demandas do presente, descortinando uma história marcada por um passado silenciado, criminalizado e demonizado dentro das narrativas tradicionais.

## Referências

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Práticas de História pública: O movimento social e o trabalho de história oral. *In*: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 47-55.

ANDRADE, Augusto José de Abreu. **Visibilidade gay, cotidiano e mídia**: Grupo Arco-Íris consolidação de estratégia. Um estudo de caso. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília, 2002.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Há ‘diálogo no fim do túnel’ com ministra-pastora, diz presidente da Aliança LGBTI. Publicado em: 7 dez. 2018. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/ha-dialogo-no-fim-do-tunel-com-ministra-pastora-diz-presidente-da-alianca-lgbti/>. Acesso em: 23 mar. 2026.

BARROS, Sullivan Charles. A simbólica da violência e da transgressão no universo da quimbanda. **Caminhos**, v. 5, n. 1, p. 107-127, jan./jun. 2007.

BENEVIDES, Bruna. Vivemos o futuro que nossos antepassados LGBT+ sequer sonharam. **Revista Híbrida**, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-10-futuro/futuro-lgbt-trans/>. Acesso em: 23 mar. 2026.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina e a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CAETANO, Marcio; NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Alessandro. Do caos emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. *In*: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 279-295.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**. Rio de Janeiro: Relume e Dumará, 1992.

ESTADO DO PARANÁ. A igreja e a homossexualidade. **Estado do Paraná**, Curitiba, v. 19, n. 2, ago. 1992 a set. 1993.

FACCHINI, Regina. “**Sopa de letrinhas?**” **Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**: um estudo a partir da cidade de São Paulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Departamento de Antropologia do IFCH, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2002.

FEITOSA, Cleyton; SILVA, Elder Luan dos Santos; ZACARIAS, Vinicius Santos da Silva. Reflexões críticas da mesa “Ser ‘gay’ de interior”. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 310-332, 2020.

FERNANDES, José Carlos; AMARAL, Agnes do. Grafipar Edições: uma reação erótica à ditadura militar. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 19, n. 42, p. 173-193, 2021.

FOLHA DE LONDRINA. Grupo gay luta por direitos humanos: Em Curitiba, Grupo Dignidade Gay faz trabalho de prevenção à Aids e trata de direitos humanos entre prostitutas e homossexuais. **Folha de Londrina**, Londrina, 28 out. 1994.

FOLHA DE LONDRINA. Heterossexuais são grupo de risco. **Folha de Londrina**, Londrina, 28 out. 1994.

FOLHA DE LONDRINA. Organização defende o uso de camisinha. **Folha de Londrina**, Londrina, 28 out. 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO. Encíclica. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 out. 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOMES, Izabela de Paula; MEZZOMO, Frank Antonio. Pelo direito de ser quem somos: uma revisão bibliográfica sobre o Grupo Dignidade e Toni Reis. **Humanas e Sociais**, v. 10, n. 2, 2024, p. 397-411.

GOMES, Izabela de Paula. **Não se nasce ativista, torna-se**: trajetória e militância política de Toni Reis. 2025. 92 f. Dissertação (Mestrado em História Pública) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2025.

GRUPO DIGNIDADE. **Uma história de dignidade** – contribuindo para a construção da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). Curitiba: Grupo Dignidade, 2008.

JORNAL DO ESTADO. Começa a campanha da fraternidade de 95. **Jornal do Estado**, Curitiba, 2 mar. 1995.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. (Org.). **Homofobia e educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres; Editora da Uniban, 2009.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992, p. 133-161.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaio sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte:

Autêntica. 2001.

MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological Bulletin**, v. 129, p. 674-97, 2003.

MEZZOMO, Frank Antonio; ANJOS, Brandon Lopes. “Um tesouro escondido”: ressignificações de signos antigos no Festival de Música Católica Cristo é Nosso Show. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, v. 11, n. 1, 2020, p. 219-239.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. *In*: CORBIN, Alain *et al.* (Orgs.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 15-82.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê; SOUZA, Marlene Garcia. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. **Revista de Sociologia Política**, s/v, n. 13, p. 7-16, nov. 1999.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. “Nós acolhemos os homossexuais”: homofobia pastoral e regulação da sexualidade. **Tomo**, s/v, n. 14, jan./jun. 2009.

NETO, Lira. **A arte da biografia**: como escrever histórias de vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PAVELTHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Revista SPAGESP**, v. 21, n. 2, jul./dez. p. 41-54, 2020.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 1, p. 125-157, 2009.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multifocal da história oral. *In*: PORTELLI, Alessandro. **Ensaios de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 17-43.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. **Revista Estudos Afro-Brasileiros**, Itanhaém, v. 3, n. 1, p. 79-132, jan./jun. 2022.

PROJETO ARCA DE NOÉ: Homossexuais x Aids. **Relatório**. Curitiba, maio 1994.

REIS, Toni; HARRAD, David. **Direito de amar**: a história de um casal gay. Curitiba, 1996.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia. **História pública em debate**: patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 184-196.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. A ética da escuta: o desafio dos pesquisadores em história oral. **Revista Testimonios**, s/v, n. 4, p. 109-119, 2015.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **Revista de História Oral**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 149-166, 2011.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Ocupar espaços e tecer histórias: as paradas de Alfenas e a dimensão pública das memórias LGBTQIA+. *In*: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **História pública e queer**. São Paulo: Letra e Voz, 2024, p. 69-87.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória,

tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**, v. 4, n. 6, p. 165-192, 1996.

SCHMITZ II, Alberto Alexandre. **Identidade, imprensa e movimento homossexual brasileiro dos anos 1970**. 2023. 128f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

SILVEIRA, Emerson Sena. Configurações corporais e afetivas em rituais carismático-católicos: cura, salvação e memória. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 7, n. 19, maio, 2014.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Alessandra dos Reis. **“A Boa Nova também é para mim”**: novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco. 2020. 135f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão, Campo Mourão, 2020.

TREVISAN, Joao Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. *In*: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 31-48.

VILLARD, Marcio. **Grupo pela vida**. Disponível em: <https://pelavidda.org.br/site/index.php/quem-somos>. Acesso em: 23 mar. 2026.

## Fontes orais

REIS, Toni [60 anos]. [jul.2024]. Entrevistadora: Izabela de Paula Gomes. Curitiba, PR, 23 jul. 2024.

Recebido em 10/09/2025

Versão final reapresentada em 24/03/2026

Aprovado em 25/03/2026

**Contribuições dos autores**: Gomes: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental; gravação de depoimentos, análise de dados e redação; Mezzomo: análise de dados, redação e revisão crítica.

**Fonte de financiamento**: nada a declarar

**Conflitos de interesse**: nada a declarar